

FICHA TÉCNICA

Título original: *Fasandræberne*

Autor: *Jussi Adler-Olsen*

Copyright © JP/Politikens Forlagshus A/S, København 2008

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Isabel Andrade*

Imagem da capa: *Michelle Kerry/Arcangel Images*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, janeiro, 2016

Depósito legal n.º 400 753/15

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

Um novo disparo ressoou por cima das copas das árvores.

Os gritos dos batedores eram agora ainda mais distintos. A vibrante pulsação latejava-me nos tímpanos e o ar húmido entrava-me tão depressa nos pulmões que mos deixava doridos.

Corre, corre, mas não caias. Se cair, nunca mais me levanto. Porra, porra. Porque não consigo soltar as mãos? Ah, corre, corre... chhhiu...! Não posso deixar que eles me ouçam. Será que me ouviram? Será que chegou a minha hora? Terão os meus dias chegado ao fim desta maneira?

Alguns ramos vergastavam-me a cara, desenhando nela estrias de sangue, de sangue que se misturava com suor.

Os gritos dos homens chegavam-me agora de todas as direções. Foi nesse instante que fui tomada pelo medo da morte.

Ouviram-se ainda outros disparos. Ao atravessar o ar gelado, o silvo de um projétil passou-me tamanha rasante que uma onda de suor me inundou, formando logo uma espécie de película por baixo da roupa.

Não tarda nada, apanham-me. Porque é que as minhas mãos juntas atrás das costas não me obedecem? Como pode a fita isoladora ser assim tão forte?

De repente, alguns pássaros assustados levantaram voo das copas das árvores e afastaram-se, agitando o ar com o bater das suas asas. Para lá da compacta linha de abetos, a dança das sombras tornava-se cada vez mais nítida. Estariam a menos de cem metros de distância. Agora, era tudo mais distinto. As vozes. A sede de sangue dos caçadores.

Como iriam fazê-lo? Com um único tiro, com uma única flecha disparada, e acabaria tudo ali mesmo? Seria assim?

Não, não, por que razão haviam eles de se contentar apenas com isso? Aqueles canalhas não eram misericordiosos a esse ponto. Não era esse o seu procedimento habitual. Traziam espingardas e facas manchadas de sangue e já haviam demonstrado por diversas vezes a grande eficácia das suas bestas.

Onde posso esconder-me? Haverá por aqui algum sítio? Conseguirei voltar? Será que consigo?

Procurei no chão da floresta, olhando para todo o lado, mas era difícil fazê-lo por ter os olhos praticamente todos vendados com a fita isoladora e as minhas pernas continuarem a sua fuga aos cambaleios e tropeções.

Agora é que vou sentir na pele o que é estar à mercê das suas ciladas. Não vão abrir uma exceção comigo. É desta forma que satisfazem os seus instintos. É a única maneira de porem cobro a isto.

O coração batia-me no peito com tanta força que me magoava.

CAPÍTULO 1

Sempre que se aventurava a descer a rua pedonal Strøget, era como se estivesse prestes a caminhar sobre o fio da navalha. Com o rosto meio tapado por um xaile sujo de cor verde, passava à pressa pelas montras das lojas bem iluminadas de olhos atentos a perscrutarem toda a rua. Era vital saber como devia reconhecer as pessoas sem nunca ser reconhecida por ninguém. Ser capaz de viver em paz com os seus demónios e deixar que todos os outros que se cruzavam com ela apressados se preocupassem com o resto. E tudo o mais que ficasse para os canalhas que queriam fazer-lhe mal, para aqueles que evitavam pousar nela os seus olhares fixos e vazios.

Kimmie olhou de relance para os candeeiros de rua, que projetavam uma luminosidade gelada sobre toda aquela zona da Vesterbrogade. Inspirou bem fundo, dilatando as narinas. Em breve, as noites estariam mais frias. Teria de preparar o seu esconderijo de inverno.

Estava parada junto ao cruzamento, no meio de um aglomerado de gente, um grupo de pessoas geladas até aos ossos, que acabavam de sair dos Jardins do Tivoli, ansiosas por chegar à estação central dos caminhos de ferro, quando reparou na mulher que estava parada ao seu lado com um casaco de *tweed* vestido. Olhou-a de esguelha, franziu o nariz e, em seguida, afastou-se um pouco. Alguns centímetros apenas, mas foi mais do que o suficiente.

Tem lá calma, Kimmie, o sinal de aviso acendeu-se na sua cabeça, ao mesmo tempo que a raiva se apoderava dela.

Os seus olhos resvalaram pelo corpo da mulher até pararem nas suas pernas. Usava umas meias brilhantes e tinha os tornozelos tensos e

alongados por estarem assim empoleirados nos sapatos de salto muito alto. Kimmie sentiu um sorriso perverso assomar-se-lhe aos cantos da boca. Com um pontapé certo dado com toda a força partiria aqueles saltos e a mulher cairia ao chão. Isso fá-la-ia ficar a saber como até um vestido *Christian Lacroix* se suja todo num passeio molhado. Desse modo, aprenderia a meter-se na sua vida.

Kimmie olhou diretamente para o rosto da mulher. Olhos muito pintados com um lápis de contorno, o nariz empoadado, um corte de cabelo meticuloso, cortado um fio de cada vez para ficar na moda. A sua expressão era rígida e arrogante. Sim, na verdade, Kimmie conhecia aquele tipo de gente melhor do que a maior parte das pessoas. Já tinha sido como ela. Uma pretensiosa arrogante da classe alta, tremendamente vazia por dentro. Nesse tempo, as suas pretensas amigas eram todas assim; a sua madrastra também.

Ela abominava-as.

Então, faz qualquer coisa, sussurravam aquelas vozes na sua cabeça. Não deixes que ela saia daqui impune. Mostra-lhe quem és. Faz-lhe isso!

Kimmie olhou para um grupo de rapazes de pele escura parado no outro lado da rua. Se não fossem os seus olhos perdidos e erráticos, teria empurrado a mulher para a estrada no exato momento em que o autocarro 47 passava a toda a velocidade. Imaginou toda a cena com uma clareza espantosa: que magnífica massa ensanguentada o autocarro deixaria atrás de si. Que onda de choque o corpo esmagado da mulher pretensiosa causaria em toda aquela gente. Que deliciosa sensação de justiça aquilo lhe daria.

Mas Kimmie não empurrou a mulher. No meio de um enxame de gente havia sempre uns olhos mais atentos; além de ter havido qualquer coisa dentro dela que a detivera. O medo ecoou de um tempo muito longínquo.

Levou as luvas à cara e inspirou fundo. Era verdade o que a mulher ao seu lado sentira: as suas roupas fediam horrivelmente.

Quando a luz verde do semáforo se acendeu, atravessou a rua, puxando atrás de si a mala de viagem, em permanentes ressaltos, equilibrada sobre duas rodas tortas. Aquela seria a sua última viagem, pois era chegado o momento de deitar fora aqueles trapos velhos.

Estava na altura de tornar a mudar a pele do seu corpo.

No meio da estação de comboios, os títulos de primeira página dos diários estavam expostos num escaparate colocado em frente ao quiosque da estação dos comboios, dificultando a vida tanto aos que por ali passavam cheios de pressa como aos invisuais. Já vira os títulos dos jornais várias vezes nas suas deambulações pela cidade, e aquilo enchia-a de asco.

— Suíno! — murmurou ao passar pelo expositor, olhando fixamente em frente. Apesar disso, não conseguiu deixar de virar um pouco a cabeça e vislumbrar o rosto impresso na primeira página do *Berlingske Tidende*.

A simples visão daquele homem fê-la estremecer.

Por baixo da fotografia, lia-se a seguinte legenda: «Ditlev Pram compra hospitais privados na Polónia por 12 mil milhões de coroas.» Cuspiu para o chão de ladrilhos e deteve-se um instante até sentir todo o corpo mais calmo. Odiava Ditlev Pram. Odiava-o a ele, a Torsten e a Ulrik. Um dia, no entanto, teriam o que mereciam. Um dia, ela mesma lhes trataria da saúde. Tinha a certeza absoluta disso.

Riu à gargalhada, o que levou um transeunte a sorrir. Por certo, outro idiota ingénuo que julgava saber o que passava pela cabeça dos outros.

Então, parou de repente.

Tine, a Rata, estava parada no sítio do costume um pouco mais adiante. Curvada, embalava-se ligeiramente com as mãos imundas, com as pálpebras descaídas e uma mão estendida, na fé cega e inimaginável de que ao menos uma pessoa, que estivesse naquele imenso formigueiro, lhe atirasse uma moeda de dez coroas. Só os toxicodependentes conseguiam ficar assim parados horas a fio. Pobres desgraçados.

Ao passar por ela a caminho da escadaria de acesso à Reventlows-gade, Kimmie ainda tentou esgueirar-se, mas Tine já a vira.

— Olá, Kimmie. Atão, esper'ái, que raio — ainda conseguiu dizer num instante fulminante de lucidez, mas Kimmie não lhe respondeu. Tine, a Rata, não era boa companhia em espaços públicos nem ao ar livre. Só quando estava sentada no seu banco, o seu cérebro funcionava razoavelmente.

Ela era, porém, a única pessoa que Kimmie conseguia tolerar.

O vento que, nesse dia, varria as ruas era incrivelmente frio, razão pela qual as pessoas queriam chegar a casa o mais depressa possível. Também por isso, cinco *Mercedes* pretos estavam parados na praça de táxis, à entrada da estação dos comboios de Istedgade, com os motores ligados. Esperava que ao menos ali estivesse um quando fosse preciso. Era tudo o que lhe interessava saber, nada mais.

Atravessou a rua puxando atrás de si a mala de viagem até à cave da loja tailandesa e deixou-a junto à janela. Apenas uma vez lhe tinham roubado uma mala, depois de a ter deixado naquele sítio, algo que tinha a certeza não se repetiria com aquele tempo, porque até os ladrões haviam de evitar sair à rua. Fosse como fosse, isso também não era importante. Naquela mala de viagem não havia nada de valor.

À entrada da estação, bastou-lhe aguardar uns escassos dez minutos para a fisgar. Uma mulher fabulosamente bonita, vestida com um casaco de marta, com um corpo ágil não muito maior do que um tamanho 36, saía de um táxi com uma mala de viagem com rodas de borracha resistentes. Dantes, Kimmie procurava sempre mulheres que usassem o tamanho 38, mas isso fora há muitos anos. Viver na rua não engordava ninguém.

Enquanto a mulher estava atenta ao dispensador de bilhetes, que havia junto à entrada principal, Kimmie roubou-lhe a mala de viagem. Depois, dirigiu-se à pressa para a saída do fundo e, em menos de nada, estava longe dali junto aos táxis parados na Reventlowsgade.

Com a prática se atinge a perfeição.

Uma vez ali, pegou na mala roubada e pô-la no interior do porta-bagagens do primeiro táxi parado na fila, pedindo em seguida ao motorista para a levar a dar uma volta curta por ali.

Enfiou a mão no bolso do casaco e retirou um grosso maço de notas de cem coroas. — Dou-lhe mais algumas, se fizer o que lhe pedir — disse-lhe, ignorando o seu desconfiado olhar de soslaio e o estremecimento das suas narinas.

Dentro de aproximadamente uma hora, estariam de volta para virem buscar a sua velha mala de viagem. Por essa altura, já teria roupas novas vestidas e no corpo o cheiro de outra mulher.

Nessa altura, as narinas do taxista estremeçeriam decerto por uma razão completamente diferente.

CAPÍTULO 2

Ditlev Pram era um homem bem-parecido, e sabia-o. Quando viajava de avião em classe executiva, era costume muitas mulheres não se importarem de o ouvir falar do seu *Lamborghini*, nem de como conseguia chegar depressa a sua casa, situada nos subúrbios elegantes de Rungsted.

Desta vez, a sua atenção fora atraída por uma mulher de cabelo sedoso, apanhado na nuca, e uns óculos de armação grossa de cor preta que a tornavam inacessível.

Aquela imagem excitara-o.

Tentara falar com ela, mas em vão. Oferecera-lhe o seu exemplar do *Economist*, cuja capa mostrava um reator nuclear iluminado por trás, mas em troca recebera apenas um simples gesto de rejeição. Pedira uma bebida para ela, na qual no entanto não tocara.

Quando o avião vindo de Stettin aterrou à hora prevista no Aeroporto de Kastrup, já se tinha consumido cada um dos valiosos noventa minutos.

Aquele era o género de coisas que o punha agressivo.

Percorreu os corredores envidraçados do Terminal 3 e, ao chegar à passadeira rolante, viu a sua vítima. Um homem com dificuldades de locomoção avançava determinado na mesma direção.

Ditlev estugou o passo e alcançou o homem no momento exato em que o idoso punha um pé no tapete rolante. Imaginara a cena com a maior clareza: um pé cuidadosamente colocado faria a figura ossuda tropeçar e embater contra o acrílico, fazendo o seu rosto — de óculos tortos — deslizar para o lado ao mesmo tempo que o idoso tentava desesperadamente pôr-se de pé.

Seria de bom grado que tornaria esta fantasia em realidade. Ele era esse tipo de pessoa. Ele e os outros do grupo tinham todos crescido daquela forma. Não era revigorante, nem vergonhoso. Se o tivesse efetivamente feito, em parte teria sido por causa daquela cabra. Ela podia simplesmente ter ido para casa com ele. Numa hora apenas, bem podiam estar na cama.

A culpa era toda dela.

O seu telemóvel tocou no mesmo instante em que viu refletida no espelho retrovisor a imagem da Estalagem Strandmølle e o mar se elevou diante dos seus olhos, em toda a sua imponência. — Sim — disse, olhando de relance para o visor. Era Ulrik.

— Sei de uma pessoa que a viu há uns dias — informou-o. — Na passarela de peões que está à entrada da estação central dos comboios em Bernstoffsgade.

Ditlev desligou o *MP3*. — Está bem. Quando exatamente?

— Na segunda-feira passada. No dia 10 de setembro. Pelas nove da noite.

— O que fizeste em relação a esse assunto?

— Eu e o Torsten demos uma volta pelas redondezas. Não a encontramos.

— O Torsten estava contigo?

— Estava. Mas sabes como ele é. Não foi uma grande ajuda.

— A quem confiaste o trabalho?

— Ao Aalbæk.

— Ótimo. Como estava vestida?

— Segundo me contaram, estava muito bem vestida. Estava mais magra do que era. Mas fedia.

— Fedia?

— Sim. A suor e a mijo.

Ditlev abanou a cabeça. Isso era o pior que Kimmie tinha. Não só conseguia desaparecer durante meses ou mesmo anos, como nunca se sabia exatamente quem ela era. Tanto era invisível como, de repente, se mostrava toda às claras. Era o elemento mais perigoso que estava presente nas suas vidas. A única pessoa que podia constituir uma ameaça séria e tramá-los.

— Desta vez, temos de a apanhar, ouviste bem, Ulrik?

— Por que raio achas tu que te telefonei?

CAPÍTULO 3

Só quando assomou à porta dos gabinetes do Departamento Q, mergulhados na penumbra, na cave do Comissariado da Polícia, Carl Mørck teve plena consciência de que as suas férias e o verão tinham definitivamente chegado ao fim. Acendeu a luz com um estalido seco do interruptor e fitou a sua secretária, cujo tampo estava cheio de enormes pilhas de pastas de processos; teve uma vontade enorme de fechar a porta e sair dali para fora. No meio de tudo aquilo, não ajudava nada o facto de Assad ter depositado um grande ramo de gladiólos, capaz de obstruir uma rua de dimensões medianas.

— Seja bem-vindo, chefe! — saudou-o uma voz atrás de si.

Virou-se e olhou diretamente para os olhos castanhos, vivos e brilhantes de Assad. O seu cabelo preto e fino estava todo espetado, como se também ele acolhesse o seu regresso. Assad estava pronto para mais uma ronda no altar da esquadra de polícia, coisa que o subinspetor dispensaria de bom grado.

— Então, o que foi desta vez? — quis saber Assad ao ver o olhar vazio do chefe. — Ninguém diria que acabaste de chegar de férias, Carl.

Carl abanou a cabeça. — Acabei?

Lá em cima, no terceiro andar, tudo fora reestruturado e reorganizado. Malditas reformas da Polícia. Daí a nada, Carl passaria a precisar de usar um GPS para descobrir o caminho até ao gabinete do chefe da Divisão dos Homicídios. Estivera fora umas míseras três semanas e já ali havia pelo menos cinco caras novas a olhá-lo fixamente como se fosse um extraterrestre.

Quem diabo seriam aqueles?

— Tenho boas notícias para ti, Carl — disse-lhe Marcus Jacobsen, o chefe da Divisão dos Homicídios, enquanto os olhos de Carl percorriam as paredes do seu novo gabinete. As superfícies de um verde-claro lembravam-lhe um cruzamento entre um bloco operatório e o centro de controlo de crise, saído de um *thriller* de Len Deighton. Para onde quer que olhasse, cadáveres fitavam-no de olhar perdido e vazio. Mapas, esquemas e escalas de serviço tinham sido dispostos numa confusão multicolor, compondo um cenário depressivamente eficiente.

— Boas notícias, dizes? Não me cheira a coisa boa — respondeu-lhe Carl, deixando-se cair numa cadeira colocada em frente ao seu chefe.

— Bem, Carl, em breve receberás uns visitantes da Noruega.

Carl levantou a cabeça, olhando-o por baixo das pálpebras pesadas.

— Informaram-me de que uma delegação de cinco pessoas da Direção-Geral da Polícia de Oslo viria cá dar uma vista de olhos ao Departamento Q. Na próxima sexta-feira, às dez da manhã. Lembravas-te disso, certo? — tentou confirmar Marcus, sorrindo e pestanejando. — Pediram-me para te dizer que estão ansiosos por te conhecer.

Eram, de certeza, os únicos.

— Já a pensar nesta visita, decidi reforçar a tua equipa. Ela chama-se Rose.

Ao ouvir isto, Carl endireitou-se um pouco na cadeira.

Depois, parou à entrada do gabinete do chefe da Divisão dos Homicídios e fez um esforço para baixar as sobrancelhas arqueadas. Era costume dizer-se que uma má notícia nunca vinha só. E era bem verdade. Chegara ao escritório apenas há cinco minutos e já fora informado de que teria de ser mentor de uma nova funcionária. Para já não falar em ter de fazer de guia atento a um bando de macacos das montanhas, algo de que alegremente tinha uma vontade enorme de se esquecer.

— Onde está essa nova rapariga que, segundo parece, vai trabalhar comigo? — perguntou o subinspetor a Mrs. Sørensen, que estava sentada na sua secretária da receção.

A velhaca nem se dignou a levantar os olhos do teclado do computador.

Bateu ao de leve no tampo da secretária. Como se aquilo ajudasse alguma coisa.

Depois, sentiu baterem-lhe no ombro.

— Aqui está ele em carne e osso, Rose — ouviu alguém dizer atrás de si. — Deixe-me apresentá-la a Carl Mørck.

Assim que se virou, o subinspetor viu dois rostos surpreendentemente parecidos. *Seja quem for que inventou a tinta preta para o cabelo não viveu em vão*, pensou. Tinham ambas um cabelo preto como carvão, muito curto e despenteado, uns olhos negros como pez e usavam roupas carregadas e escuras. A semelhança entre elas era quase sinistra.

— Caramba! O que foi que te aconteceu, Lis?

A secretária mais competente do departamento deslizou uma mão pelo seu próprio cabelo, outrora louro e elegante, e sorriu-lhe. — Bem sei. Não ficou giro?

Ele anuiu devagar.

Carl desviou a atenção para a outra mulher, empoleirada nuns saltos altíssimos e que lhe dirigiu um sorriso capaz de pôr qualquer um em sentido. O subinspetor tornou a olhar para Lis, reparando na enorme semelhança que havia entre as duas mulheres e perguntando-se qual das duas teria inspirado a outra com a sua imagem.

— Esta é a Rose. Já cá está há umas semanas a animar as colegas secretárias com o seu humor contagiante. Agora, confio-ta. Cuida bem dela, Carl.

O subinspetor Carl Mørck irrompeu pelo gabinete de Marcus com todos os argumentos pensados e na ponta da língua, mas, passados vinte minutos, percebeu que estava a travar uma batalha inglória. Conseguiu ganhar um adiamento de uma semana, mas depois teria de receber a rapariga no Departamento Q, na cave. Mesmo ao lado do gabinete de Carl havia um armário de arrumos, onde era guardada uma imensidão de pinos de desvio do trânsito e demais material usado para isolar as cenas de crime. Marcus Jacobsen explicou-lhe que o mesmo fora limpo e arrumado. Rose Knudsen era a sua nova colega no Departamento Q e ponto final.

Fossem quais fossem as razões que motivavam aquela decisão do chefe da Divisão dos Homicídios, aquilo não agradava nada ao subinspetor Mørck.

— Teve excelentes notas na Academia de Polícia, mas chumbou na condução, e já sabes que, por mais talentoso que um gajo seja, com isso está tramado — disse-lhe Jacobsen, fazendo girar pela décima quinta vez o maço de tabaco inchado. — Talvez também fosse um pouco sensível de mais para trabalhar no terreno, mas, como estava tão decidida a entrar para a Polícia, começara por se tornar secretária, e, no último ano, estivera no Comissariado da baixa. Nas últimas semanas, esteve aqui a substituir Mrs. Sørensen, que, como é sabido, já regressou ao serviço.

— E posso saber por que razão não a mandaste de volta para a baixa?

— Porquê? Bom, é que houve para lá um alarido qualquer. Coisas lá deles.

— Está bem. — A palavra alarido soava-lhe a mau presságio.

— Seja como for, Carl, agora tens uma secretária. E ela é boa.

Dizia quase sempre o mesmo em relação a praticamente toda a gente.

— Pois olha que me pareceu muito, mas mesmo muito, simpática — disse Assad, iluminado com as luzes fluorescentes do Departamento Q, numa tentativa para fazer com que Carl se sentisse melhor.

— Para que saibas, ela arranjou um sururu lá em baixo no Comissariado da baixa. Isso não me parece de uma pessoa lá muito simpática.

— Um sur...? Tens de dizer isso outra vez, Carl.

— Esquece, Assad.

O seu assistente anuiu com um aceno de cabeça. Em seguida, engoliu uma substância que cheirava a chá de menta, que despejara na sua caneca. — Ouve bem isto, Carl. Enquanto estiveste ausente, não consegui avançar muito no caso de que me incumbiste como sendo prioritário. Andei por aqui e por ali e fui aos sítios mais improváveis, mas as pastas desapareceram todas durante toda aquela confusão da mudança no andar de cima.

O subinspetor levantou a cabeça. Desapareceram? Só podia estar a brincar. Mas, pronto, ao menos alguma coisa boa acontecera naquele dia.

— Sim, desapareceram por completo. Mas depois, remexi um pouco melhor no meio das pilhas de dossiês e descobri este. É muito interessante.

Assad estendeu-lhe uma pasta de um verde-claro e ficou imóvel como uma coluna de sal e com um semblante expectante.

— Estás a pensar ficar aí especado enquanto eu leio isto?

— Sim, obrigado — respondeu, pousando a caneca em cima da secretária de Carl.

Enquanto abria a pasta, o subinspetor encheu as bochechas de ar e expirou devagar.

Era um caso bastante antigo. Mais precisamente, do verão de 1987. O ano em que ele e um amigo haviam apanhado o comboio para irem assistir ao Carnaval de Copenhaga e uma rapariga ruiva, que tinha ritmo em cada átomo do seu corpo, o ensinara a sambar — o que fora divinal, porque acabaram a noite estendidos num cobertor atrás de um arbusto nos Jardins do Castelo Rosenberg. Na altura, ele tinha vinte e poucos anos, e, depois daquele episódio, nunca foi tão pouco virgem como na viagem de regresso.

Fora um bom verão aquele de 1987. O verão em que fora transferido de Vejle para a esquadra de polícia de Antonigade.

Os homicídios deviam ter sido cometidos umas oito a dez semanas depois do Carnaval, sensivelmente ao mesmo tempo que a ruiva decidira lançar o seu corpo de sambista ao parolo da aldeia seguinte. Sim, era justamente o período em que Carl fizera as suas primeiras rondas noturnas pelas ruas estreitas de Copenhaga. De facto, era estranho ele não se recordar de nada relacionado com aquele caso; era seguramente bastante estranho.

Dois irmãos, uma rapariga e um rapaz, de 17 e 18 anos, respetivamente, tinham sido encontrados, espancados até à morte, numa casa de férias não muito longe de Dybesø, perto de Rørvig. O corpo da rapariga estava coberto de escoriações e hematomas e ela sofrera horrivelmente durante o espancamento, como deixavam antever os ferimentos feitos enquanto tentara defender-se.

Passou os olhos pelo texto. Não tinha havido nenhum tipo de agressão sexual, nem nada fora roubado.

Depois, tornou a reler o relatório da autópsia e examinou os recortes de jornal. Eram poucos, mas as parangonas não podiam ser maiores.

«Espancados até à morte», escrevera o *Berlingske Tidende*, fornecendo uma descrição dos corpos invulgarmente detalhada para um jornal tão antigo e sério.

Os corpos tinham sido encontrados na sala de estar, junto à lareira, ela de biquíni e o irmão nu, com uma garrafa de conhaque meio cheia na mão. Ele fora morto por um único golpe, desferido na parte de trás da cabeça com um objeto contundente, mais tarde identificado com um martelo de carpinteiro, encontrado num tufo de urze, algures entre os lagos Flyndersø e Dybesø.

O móbil do crime era desconhecido, embora as suspeitas tivessem recaído sobre um grupo de alunos de um colégio interno, que estavam alojados na sumptuosa residência de férias dos pais de um deles, perto de Flyndersø. Em ocasiões distintas, os mesmos jovens tinham estado envolvidos em inúmeras escaramuças na discoteca local, The Round, durante as quais alguns residentes haviam mesmo ficado com ferimentos graves.

— Chegaste a ler a parte onde se diz quem eram os suspeitos?

Por baixo das sobrancelhas fartas, Carl olhou para Assad. Aquela devia ser resposta suficiente, mas Assad não desistiu.

— Sim, claro que cheguei. E o relatório também sugere que os seus pais eram todos do tipo dos que ganhavam muito dinheiro. Nos dourados anos 80, ou lá como é que vocês lhes chamavam, não havia muita gente a ganhar assim tanto dinheiro.

Carl anuiu, concordante. Estava a chegar a essa parte do relatório.

Sim, Assad estava certo. Os pais eram todas pessoas bem conhecidas, ainda hoje.

Passou os olhos várias vezes pelos nomes dos elementos do grupo. Foi o suficiente para lhe fazer aparecer gotas de suor na testa, porque não eram apenas os seus pais que haviam ganho enormes quantias de dinheiro e se tinham tornado figuras públicas bem conhecidas. Anos mais tarde, alguns dos seus descendentes também se haviam tornado gente famosa. Nascidos em berço de ouro, eram agora detentores de uma enorme fortuna. Entre eles, contavam-se Ditlev Pram, fundador de diversas clínicas privadas para gente exclusiva, Torsten Florin, um estilista de renome internacional, e o analista do mercado bolsista Ulrik Dybbøl Jensen. Todos eles haviam alcançado o topo da escadaria do sucesso na Dinamarca, como acontecera com o falecido magnata dos transportes marítimos, Kristian Wolf. Os dois últimos membros do grupo destacavam-se dos restantes. Kristen-Marie Lassen também pertencera ao *jet set*, mas atualmente ninguém sabia do seu paradeiro. Bjarne

Thøgersen, aquele que se declarara culpado pela morte dos dois irmãos e se encontrava preso a cumprir pena, provinha de um meio mais modesto.

Depois de ter terminado a leitura, o subinspetor Mørck atirou o processo para cima da mesa.

— Pronto. Só não percebo como é que este caso nos veio parar às mãos — observou Assad. Em circunstâncias normais, teria sorrido, mas naquele momento não o fez.

Carl abanou a cabeça. — Eu também não. Um homem está preso pela autoria deste crime. Confessou, foi condenado a prisão perpétua e está atrás das grades. Aliás, foi ele próprio que se entregou, portanto, qual é a dúvida? Caso *encerrado!* — rematou, fechando a pasta do caso com estrondo.

— Exceto o facto de... — começou Assad por dizer, depois, mordeu o lábio e prosseguiu — ... só se ter entregado nove anos depois.

— E daí? A *verdade* é que se entregou. Quando cometeu os homicídios tinha apenas dezoito anos. É provável que, à medida que foi crescendo e amadurecendo, se tenha apercebido de que a má consciência nunca se esfuma.

— Nunca se esfuma?

Carl suspirou. — Sim, esfumar-se. Definhar, morrer. Uma má consciência não desaparece com o tempo, Assad. Pelo contrário.

Assad estava visivelmente baralhado com qualquer coisa. — O Nykøbing Sjølland e a Polícia de Holbæk trabalharam neste caso em conjunto. E a Unidade Móvel de Investigação também. Mas, não consigo é perceber quem o enviou para aqui. Tu consegues?

Carl baixou a cabeça e olhou para a capa da pasta daquele caso. — Não, isso não está aqui escrito em lado nenhum. É muito estranho. — Se nenhuma daquelas três unidades lhes enviara o caso, quem o fizera, então? E, se o caso terminara com uma condenação, para quê darem-se afinal ao trabalho de o reabrir?

— Será que tem alguma coisa que ver com isto? — perguntou Assad. Folheou o processo até encontrar um documento da Autoridade Tributária e Aduaneira e entregou-o a Carl. «Relatório anual», dizia no cabeçalho. Era dirigido a Bjarne Thøgersen, morador no município de Albertslund, no Estabelecimento Prisional de Vridsløselille. O homem que matara os dois jovens.

— Olha! — Assad apontava para a cifra gigantesca que aparecia na linha referente à receita em bolsa. — O que te parece?

— Parece-me que pertence a uma família abastada e que agora tem tempo mais do que suficiente para brincar com o seu próprio dinheiro. Aparentemente, até se saiu muito bem na sua gestão. Onde queres tu chegar com isto?

— Então, deixa-me que te diga, Carl, que ele não vem de uma família rica. Era o único elemento do grupo do colégio interno que estava a receber uma bolsa de estudo. Como vês, era bastante diferente dos outros. Vê isto — pediu o assistente, começando a folheá-lo de trás para a frente.

Carl levou uma mão à cabeça.

Era aquele o problema das férias.

Chegavam ao fim.

CAPÍTULO 4

OUTONO DE 1986

Embora fossem seis pessoas muito diferentes, os cinco alunos do quinto ano tinham uma coisa em comum. No fim das aulas, encontravam-se na floresta, ou em trilhos feitos na mata, e acendiam os seus cachimbos de haxixe, mesmo que chovesse a cântaros. Deixavam toda aquela parafernália à mão, escondida no buraco do tronco de uma árvore; era Bjarne que se encarregava de tudo. Cigarros, fósforos e a folha de alumínio de Cecil e tudo o mais que o dinheiro da droga pudesse comprar na praça de Næstved. Reunidos em grupo, aspiravam um misto de ar fresco e umas quantas passas rápidas, tendo o cuidado de não ficarem pedrados ao ponto de serem denunciados pelas pupilas.

Porque o objetivo não era ficarem pedrados. Era antes serem donos e senhores de si próprios e desafiarem as autoridades da forma mais grosseira possível. E fumarem haxixe mesmo ao lado do conselho diretivo da escola era praticamente o pior que se podia fazer.

Deste modo, passavam o cachimbo entre si e faziam troça dos professores, tentando superar-se uns aos outros enquanto imaginavam o que lhes fariam se pudessem.

E foi assim que passaram a maior parte do outono até ao dia em que Kristian e Torsten quase foram apanhados com o hálito a cheirar a haxixe, que nem dez dentes de alho conseguiriam disfarçar. A partir desse dia, decidiram comê-lo, porque assim não haveria cheiro que resistisse.

Foi pouco tempo depois que tudo começou a valer.

* * *

Quando foram apanhados em flagrante, estavam parados junto a uma moita vizinha de um ribeiro, completamente pedrados e a comportarem-se como tolos, enquanto a geadá derretia e escorria das folhas.

De repente, um dos rapazes mais novos saiu de trás de um arbusto e ficou ali embasbacado a olhar para eles. Era um merdolas louro e ambicioso, um menino-bonito irritante que andava por ali à caça de um escaravelho que pudesse exhibir na aula de biologia.

Ao invés, porém, o que viu foi Kristian a enfiar à pressa toda a parafernália no buraco que havia na árvore, enquanto Torsten, Ulrik e Bjarne davam risadinhas como uns idiotas e as mãos de Ditlev se moviam por baixo da blusa de Kimmie. Também ela ria como uma doida. Aquela merda era das melhores que já tinham fumado.

— Vou dizer ao diretor! — gritou-lhes o rapaz, apercebendo-se demasiado tarde da rapidez com que as gargalhadas dos alunos mais velhos se tinham calado de repente. Era um rapaz todo vivaço, que estava habituado a lançar provocações aos outros, e até podia ter-lhes escapado sem dificuldade nenhuma, tão pedrados eles estavam. Mas a moita estava coberta de muito matagal e ele colocava-os diretamente numa situação demasiado perigosa para que se arriscassem sequer a permitir-lhe qualquer veleidade.

Bjarne era o que mais tinha a perder se fosse expulso, por isso, assim que agarraram na pestinha, foi a ele que Kristian empurrou para diante para que avançasse. E foi ele que lhe deu o primeiro golpe.

— Sabes que se o meu pai quiser, pode dar cabo do negócio do teu pai — gritou-lhe o rapaz —, por isso, vai-te lixar, Bjarne, seu monte de merda! De contrário, será pior para ti. Larga-me, seu idiota.

Eles ainda hesitaram. O rapaz atormentara muitíssimo a vida a muitos colegas de turma. O pai, o tio e a irmã mais velha tinham sido alunos da escola e contribuíam regularmente para o fundo de financiamento. Faziam o tipo de donativos de que Bjarne dependia.

Em seguida, foi a vez de Kristian avançar. Não tinha as mesmas preocupações financeiras. — Damos-te vinte mil coroas para ficares de boca calada — disse com sinceridade.

— Vinte mil coroas! — riu o rapaz, com ar trocista. — Basta-me telefonar ao meu pai uma única vez para ele me mandar o dobro disso. — Depois, cuspiu na cara de Kristian.

— Maldito sejas, seu tihoso — explodiu Kristian e deu-lhe um murro na cara. — Se dizes seja o que for, matamos-te. — O rapaz caiu para trás e bateu com as costas no tronco de uma árvore, fraturando duas costelas, que partiram de forma perfeitamente audível.

Ficou uns instantes ali estendido a arfar cheio de dores, mas os seus olhos continuavam a desafiá-los. Então, Ditlev aproximou-se dele.

— Podemos limpar-te o sebo, estrangular-te agora mesmo, sem dificuldade nenhuma. Ou podemos enfiar-te a cabeça dentro de água. Ou podemos ainda deixar-te ir embora e dar-te vinte mil coroas para ficares de bico calado. Se voltares agora e disseres a toda a gente que caíste, vão acreditar em ti. Então, o que decides como é que vai ser, seu monte de esterco?

O rapaz não reagiu.

Ditlev aproximou-se e parou mesmo junto dele, a observá-lo com curiosidade. A reação do estuporzinho fascinava-o. Com um movimento repentino, levantou uma mão como se lhe fosse bater, mas o rapaz continuou sem reagir, por isso bateu-lhe com toda a força na cabeça. Quando o rapaz se encolheu com a dor e o susto, Ditlev voltou a bater-lhe, ao mesmo tempo que sorria. Era uma sensação maravilhosa.

Mais tarde, contaria aos outros como aquela tarefa toda tinha sido, de facto, o primeiro pico de adrenalina que sentira na vida.

— Também eu! — exclamou Ulrik com um sorriso largo, aproximando-se com um passo arrastado do rapaz em choque. Ulrik era o maior de todos eles, e o seu punho cerrado deixou uma marca feia na cara do rapaz.

Kimmie protestou debilmente, mas foi neutralizada por uma gargalhada estridente que afugentou todos os pássaros escondidos no meio da vegetação rasteira.

Levaram o rapaz para a escola e ficaram a ver a ambulância chegar para o levar. Alguns dos elementos do grupo estavam preocupados por ele poder denunciá-los, mas ele nunca o faria. A verdade é que nunca mais voltou para a escola. Segundo se dizia, o pai levava-o de volta para Hong Kong, mas podia não ser verdade.

Poucos dias depois, eles atacaram um cão na floresta e espancaram-no até à morte.

A partir desse momento, tornou-se impossível voltar atrás.

CAPÍTULO 5

Na parede, por cima das três janelas panorâmicas, estava inscrita a palavra «Caracas». O solar fora construído com as exorbitantes quantias de dinheiro ganhas no comércio de café.

Ditlev Pram reconheceu imediatamente as potencialidades do edifício. Umás colunas aqui e ali e paredes de vidro num tom verde-gélido, elevando-se vários metros acima do chão. Extensas fileiras de bacias hidrográficas jorrando água para o canal e os relvados bem aparados era tudo o que era necessário para criar a mais recente clínica privada da costa de Rungsted. Cirurgia plástica e ortodôntica eram as especialidades ali disponibilizadas. Não era uma ideia original, mas era incrivelmente lucrativa para Ditlev Pram e o seu corpo clínico de médicos e dentistas indianos e da Europa de Leste.

Depois de o seu irmão mais velho e as suas duas irmãs mais novas terem herdado a enorme fortuna que o pai acumulara com a especulação bolsista e uma série de aquisições hostis nos anos 80, Ditlev geriu o seu dinheiro com astúcia. Naquele momento, o seu império expandira-se ao ponto de incluir dezasseis clínicas, com quatro novas unidades em fase de planeamento. Estava no bom caminho para a concretização da sua ambição, em particular, de canalizar para a sua conta bancária quinze por cento dos lucros de todas as cirurgias de implantes mamários e *liftings*, realizadas no norte da Europa. Era difícil encontrar uma mulher abastada, a norte da Floresta Negra, que não tivesse corrigido os caprichos que a natureza lhe reservara num dos blocos operatórios de Ditlev Pram.

Em suma, a vida corria-lhe bem.

A sua única preocupação era Kimmie. Onze anos a pensar na sua rudimentar existência era tempo mais do que suficiente.

Endireitou a sua caneta de tinta permanente *Mont Blanc*, ligeiramente torta, que estava em cima da secretária e voltou a olhar de relance para o seu relógio *Breitling*.

Tinha muito tempo. Aalbæk chegaria dentro de vinte minutos. Cinco minutos depois, Ulrik viria fazer-lhe uma visita, e Torsten talvez viesse também, mas não sabia ao certo.

Levantou-se e percorreu os corredores revestidos a ébano, passando a ala hospitalar e os blocos operatórios. Com acenos de cabeça cordiais, cumprimentou toda a gente, que sabia que ele era o chefe incontestado, e empurrou as portas basculantes de acesso à cozinha, no piso inferior, com a sua maravilhosa vista do céu azul sobre o canal.

Apertou a mão ao cozinheiro e elogiou-o até este corar, deu palmadinhas nos ombros dos seus assistentes e depois desapareceu no interior da lavandaria.

Depois de muitos cálculos, concluiu que o Serviço Têxtil de Berendsen conseguia entregar os lençóis mais depressa e com menos custos, mas essa não era a razão para ter lavandaria própria. Era prático, é certo, mas as seis raparigas filipinas que contratara para fazerem aquele trabalho eram igualmente acessíveis. Que importância tinha o dinheiro?

Reparou que as mulheres jovens e de pele escura recuavam assim que o viam, e, como de costume, aquilo divertiu-o. Então, agarrou na que estava mais perto dele e puxou-a até ao armário da roupa branca. Ela pareceu assustada, embora não fosse a primeira vez que passava por aquilo. Era a que tinha as ancas mais estreitas e os seios mais pequenos, mas era também a mais experiente. Os bordéis de Manila tinham-lhe dado um treino sólido e tudo o que ele pudesse fazer-lhe agora não era nada em comparação com tudo aquilo por que ela passara.

Ela baixou-lhe as calças e, sem que lhe fosse dada qualquer indicação, abocanhou-lhe o pénis. Ao mesmo tempo que esfregava a barriga dele com uma mão e o masturbava na sua boca com a outra, ele golpeava-lhe os ombros e os braços.

Ele nunca se vinha com aquela; o seu orgasmo penetrava-lhe de outra maneira na roupa. A adrenalina que o médico sentia aumentava rapidamente à medida que a agredia, e, em poucos minutos, tinha o tanque cheio.

Afastou-a, puxou-a pelos cabelos para que se levantasse e empurrou a própria língua para dentro da boca dela, ao mesmo tempo que

puxava as cuecas dela para baixo e lhe enfiava dois dedos na vagina. Quando voltou a atirá-la para o chão, estavam ambos mais do que consolados.

Em seguida, ele compôs as roupas, enfiou uma nota de mil coroas na boca dela e deixou a lavandaria, despedindo-se de todas com um aceno de cabeça amistoso. Elas pareceram ficar aliviadas, mas não deviam sentir-se desse modo. O médico estaria na clínica Caracas durante toda a semana seguinte. As raparigas ficariam a saber quem mandava ali.

Nessa manhã, o detetive privado estava com péssimo aspeto, num contraste gritante com o gabinete lustroso de Ditlev Pram. Era por demais evidente que o homem esquelético passara a noite toda nas ruas de Copenhaga. Mas, não era justamente para isso que lhe pagavam?

— Qual é a palavra, Aalbæk? — grunhiu Ulrik ao lado de Ditlev, enquanto esticava as pernas por baixo da mesa de reuniões. — Há alguma novidade sobre o desaparecimento de Kirsten-Marie Lassen? — Ulrik começava sempre as conversas com Aalbæk daquela forma, refletiu Ditlev, enquanto fitava, incomodado, as ondas cinzentas-escuras do lado de fora das janelas panorâmicas.

Queria que aquilo terminasse depressa e de uma vez por todas, para que Kimmie não estivesse constantemente a pesar-lhe na consciência e nas memórias. Quando a apanhassem, fá-la-iam desaparecer de vez. Tinha a certeza de que havia de burilar uma maneira de o fazer.

O detetive privado friccionou o pescoço e reprimiu um bocejo. — O serralheiro da estação central de comboios viu a Kimmie algumas vezes. Ela anda por lá com uma mala de viagem atrás, e a última vez que a viu usava uma saia axadrezada. O mesmo conjunto que usava quando fora vista pela mulher que estava ao pé do Tivoli. Mas, tanto quanto eu sei, Kimmie não costuma parar na estação central dos comboios. Na verdade, não faz nada habitualmente. Já perguntei a toda a gente da estação. Aos seguranças, à polícia, aos sem-abrigo e aos lojistas. Alguns já ouviram falar dela, mas não sabem onde mora nem tão-pouco quem ela é.

— Terás de arranjar uma equipa para observar a estação, dia e noite, até ela voltar a aparecer. — Ulrik levantou-se da cadeira. Era um homem grande, mas parecia mais pequeno quando o tema de discussão

era Kimmie. De todos, talvez fosse o único que estivera seriamente apaixonado por ela. *Era possível que Ulrik ainda se sentisse magoado por ser o único que nunca a possuía*, pensou Ditlev pela milésima vez, rindo-se interiormente.

— Vigilância permanente? Isso vai custar-te couro e cabelo — comentou Aalbæk. Preparava-se para sacar da calculadora de bolso do interior da ridícula malinha que usava a tiracolo, mas não chegou a fazê-lo.

— Para mas é com isso — ripostou Ditlev. Ainda pensou em lhe atirar com uma coisa qualquer para cima, mas acabou por se recostar na cadeira. — Não fales de dinheiro como se percebesse alguma coisa do assunto, ouviste? De quanto estamos nós aqui a falar, Aalbæk? De umas quantas centenas de milhares de coroas? Quanto achas tu que eu, Ulrik e Torsten fizemos desde que estamos aqui sentados a discutir o teu patético salário à hora? — Depois, agarrou simplesmente na sua caneta de tinta permanente e atirou-lha. A sua intenção era acertar-lhe nos olhos, mas faliu a pontaria.

Depois de o corpo magro de Aalbæk ter fechado a porta atrás de si, Ulrik pegou na *Mont Blanc* e guardou-a no bolso.

— Quem vai ao mar perde o lugar — disse a rir.

Ditlev ficou calado. Era bom que Ulrik pensasse duas vezes antes de voltar a fazer aquilo.

— Já tiveste notícias de Torsten, hoje? — perguntou-lhe.

Ao ouvir isto, toda a energia desapareceu do rosto de Ulrik. — Já, foi à sua casa de campo em Gribskov, esta manhã.

— E ele não se rala minimamente com o que está a passar-se aqui?

Ulrik encolheu os ombros, que estavam mais gordos do que nunca. Era o que acontecia quando se contratava um chefe especialista em *foie gras*.

— Neste momento, não está na sua melhor forma, Ditlev.

— Percebo. Nesse caso, temos de ser nós a tratar do assunto, não é? — Ditlev cerrou os dentes. A única coisa que podiam esperar era que, um dia, Torsten tivesse um esgotamento nervoso. E, nesse momento, tornar-se-ia uma ameaça tão grande como Kimmie.

Ditlev sentiu-se observado por Ulrik.

— Não vais fazer nada a Torsten, pois não, Ditlev?

— Claro que não, meu velho. Não ao Torsten.

Por instantes, entreolharam-se de cabeças baixas e olhares avaliadores, como se fossem autênticos predadores. Ditlev sabia que, no jogo da obstinação, nunca suplantaria Ulrik Dybbøl Jensen. O seu pai fundara a empresa familiar de avaliação do mercado bolsista, mas Ulrik alargara a sua área de influência. Quando se empenhava a sério em alcançar um determinado objetivo, invariavelmente, levava a melhor. Mesmo que isso implicasse forçar a situação até onde fosse necessário.

— Quer dizer, Ulrik — começou Ditlev a dizer, quebrando o silêncio. — Vamos deixar Aalbæk fazer o que lhe compete, e depois logo vemos o que acontece.

A expressão de Ulrik mudou. — A caça ao faisão já está preparada? — perguntou, mostrando-se ansioso como uma criança.

— Já. Bent Krum já reuniu toda a equipa. Encontramo-nos na terça-feira de manhã, às seis, na Estalagem Tranekær. Temos de convidar os saloios locais, mas vai ser a última vez que isso vai acontecer.

Ulrik deu uma gargalhada. — Imagino que tenhas um plano para a caçada.

Ditlev anuiu com um aceno de cabeça. — Sim, a surpresa está pronta.

Ulrik exercitou os músculos dos maxilares. Não havia dúvidas de que só a ideia o excitava. Aliás, excitável e impaciente eram os dois estados mais autênticos da sua natureza.

— O que me dizes, Ulrik, queres vir comigo e ver como vão as coisas com as nossas fornicadoras filipinas, lá em baixo na lavandaria?

Ulrik levantou a cabeça e os seus olhos contraíram-se. Umhas vezes, aquilo significava «sim», mas outras vezes queria dizer «não» — era impossível discernir agora qual era. Aquele tipo tinha muitos impulsos contraditórios.

CAPÍTULO 6

— Lis, sabes como este processo veio parar à minha secretária?

Ela lançou um olhar fugidio à pasta de Carl, enquanto compunha o novo corte de cabelo despenteado, mas cheio de estilo. O sobrolho franzido indiciava que não sabia.

Carl entregou a pasta do processo a Mrs. Sørensen. — Então, e a senhora, sabe?

Os olhos da mulher percorreram a primeira página em cinco segundos. — Receio bem que não — respondeu com um olhar triunfante. Gostava de ver Carl em dificuldades. Momentos como aquele eram dos que lhe proporcionavam o maior prazer.

Nem o vice-superintendente Lars Bjørn, nem nenhum dos outros elementos do corpo de investigação sabiam. Aparentemente, fora o processo que, sabia-se lá como, tinha ido parar à sua secretária.

— Liguei para a Polícia de Holbæk! — gritou-lhe Assad do seu gabinete minúsculo como uma caixa de sapatos. — Tanto quanto sabem, a pasta desse processo está nos arquivos deles, onde deve estar. Mas, quando tiverem tempo, vão lá dar uma vista de olhos.

Carl levantou as pernas e apoiou os seus sapatos tamanho 44 no meio da secretária. — O que disseram em Nykøbing Sjælland?

— Um momento, vou ligar-lhes. — Enquanto premia as teclas ao marcar o número, Assad assobiava algumas notas de uma das canções melancólicas do seu país de origem. Dava a sensação de estar a assobiar ao contrário.

Aquilo não soava bem.

Carl examinou o painel informativo que estava pendurado na parede. Quatro manchetes faziam eco umas das outras: o caso de Merete Lynggaard fora resolvido com competência e destreza. O Departamento Q, o recém-criado departamento para a resolução de casos de particular relevo, dirigido por Carl Mørck, era descrito como um exemplo de pleno sucesso.

Olhou fixamente para as suas mãos cansadas, que mal tinham força suficiente para segurar numa simples pasta de arquivo com pouco mais de dois centímetros de espessura e origem desconhecida. Naquele momento, a palavra «sucesso» provocava-lhe uma sensação de vazio. Suspirou e continuou a ler aquele processo. Dois jovens assassinados, um duplo homicídio francamente brutal, que implicava os filhos de várias famílias importantes, e, de repente, nove anos depois, um desses jovens entregara-se às autoridades, admitindo a sua culpa. Na verdade, ele era o único do grupo que não era oriundo de uma família abastada. Em menos de três anos, este Thøgersen seria posto em liberdade. E também estaria podre de rico depois de ter ganhado uma fortuna na Bolsa, enquanto estivera encarcerado. Será que na prisão era permitido as pessoas investirem daquela maneira? Era uma ideia realmente assustadora.

Leu cópias dos relatórios das inquirições de fio a pavio, depois, pela terceira vez, passou os olhos pelos documentos relativos ao caso contra Bjarne Thøgersen. Ficava-se com a ideia de que o assassino não conhecia as vítimas. Embora o homem condenado pela autoria daqueles mesmos crimes afirmasse ter-se encontrado com elas em diversas ocasiões, não existiam indícios irrefutáveis que o provassem. Aliás, o certo era que os relatórios sugeriam justamente o contrário.

Carl voltou a lançar um olhar rápido à capa do processo. «Polícia de Holbæk», lia-se nela. Por que motivo não dizia «Nykøbing»? O que levava a Unidade Móvel de Investigação e a Polícia de Nykøbing a não trabalharem em conjunto? Estariam os investigadores de Nykøbing demasiado próximos do caso? Seria essa a explicação? Ou seriam apenas incompetentes?

— Olha lá, Assad! — gritou para o lado oposto do corredor muito iluminado. — Liga para o departamento de Nykøbing e pergunta-lhes se alguém de lá conhecia as vítimas.

Não obteve resposta nenhuma do cubículo de Assad, apenas os seus murmúrios ao telefone.

Carl levantou-se e atravessou o corredor. — Assad, pergunta se alguém na esquadra...

Assad deteve-o com um movimento da mão. Já estava em pleno a tratar daquele assunto. — Sim, sim, sim — dizia, seguido por uma nova série de «sins», dita no mesmo ritmo.

Carl expirou pesadamente e perscrutou toda a sala. Tinham aparecido mais fotografias emolduradas na estante de Assad. Uma fotografia de duas mulheres mais velhas competiam agora com os outros instantâneos da família. Uma delas tinha o vestígio de um buço, a outra era rechonchuda, com um cabelo tão grosso que lembrava o capacete de uma lambreta. Eram as tias de Assad, se tivesse de aventar uma hipótese.

Quando Assad desligou o telefone, Carl apontou para as fotografias.

— Essas são as minhas tias de Hamah. A do penteado já morreu.

Carl anuiu com um aceno de cabeça. A avaliar pela aparência, qualquer outra resposta tê-lo-ia deixado admirado. — O que disseram de Nykøbing?

— Também não foram eles que nos enviaram essa pasta de arquivo, Carl. E tinham uma boa razão para não o fazer. Nunca a tiveram lá.

— Estou a ver. Isso é estranho, porque os documentos sugerem que as polícias de Nykøbing e de Holbæk, bem como a Unidade Móvel de Investigação, estiveram a trabalhar em conjunto.

— Não. Eles dizem que a Polícia de Nykøbing estava encarregada de fazer as inquirições, mas entregou o caso aos outros para que o resolvessem.

— Ah, sim? Acho isso muito estranho. Sabes se alguém em Nykøbing conhecia as vítimas pessoalmente?

— Sim e não.

— O que quer isso dizer?

— As duas vítimas eram o filho e a filha de um dos oficiais da Polícia — disse, apontando para as notas que acabara de tomar. — Chamava-se Henning P. Jørgensen.

Carl imaginou a rapariga selvaticamente espancada. O pior pesadelo de um qualquer polícia era encontrar os seus próprios filhos assassinados.

— Que horror. Mas suponho que isso já explica por que razão o caso foi entregue a outra esquadra de polícia. Aposto contigo que há uma motivação pessoal por detrás disto. Mas tu disseste «sim» e «não». Porquê?

Assad recostou-se na sua cadeira. — Porque já não há ninguém naquela esquadra de polícia que tivesse alguma ligação com aqueles jovens. Logo após a descoberta dos corpos, o agente dirigiu-se à esquadra de polícia de Nykøbing Sjælland. Cumprimentou o tipo que estava sentado à secretária, na entrada, foi direito à armaria e puxou o gatilho do seu revólver de serviço assim. — Apontou-o para a têmpera com dois dedos curtos e gordos.

A reforma da Polícia dinamarquesa teve muitos resultados estranhos. Os distritos receberam novas designações e os títulos foram transferidos. De uma maneira geral, a maior parte do pessoal passou a ter dificuldade em dar com o rasto das coisas, no meio de toda esta loucura. Muitos aproveitaram a ocasião para abandonar o jogo, aceitando o título de «reformados por antecipação».

Dantes, a reforma não era um processo muito fácil para um agente da Polícia. Em média, o número de anos que tinham pela frente depois de uma carreira esgotante nem chegava aos dois dígitos. Só os jornalistas tinham piores perspectivas, mas, no caso deles, o consumo de cerveja era muito mais elevado. Afinal, a morte tinha de ter uma causa.

Carl conhecia agentes da Polícia que nem tinham conseguido comemorar o primeiro aniversário como pensionistas, antes de esticarem o pernil, deixando o mundo nas mãos de colegas acabadinhos de chegar. Felizmente, porém, as coisas estavam a mudar. Até os agentes da Polícia queriam conhecer o mundo, queriam ver os netos completarem os estudos secundários. Em consequência disso, muitos deixavam a Polícia. Como acontecera com Klaes Thomasen, um polícia reformado de Nykøbing Sjælland, que estava agora diante deles, com a sua barriguinha protuberante. Vinte e cinco anos com a farda vestida, já era bastante, dissera. Hoje, a mulher exercia sobre ele uma forte influência. Embora a parte sobre a mulher deixasse Carl a remoer um pouco sobre o assunto, percebia perfeitamente a que Klaes se referia. Claro que, teoricamente, também ele ainda era casado, mas ela deixara-o havia muito tempo, e os seus amantes franzinos e desinteressantes, com as suas compridas barbichas, decerto protestariam se ele insistisse em reconquistá-la.

Como se alguma vez tentasse fazê-lo.

— Tem aqui uma casa muito bonita — observou Assad. Impressionado, deixou o olhar espriar-se para fora da janela de vidros duplos, pelos campos que rodeavam o jardim bem cuidado de Klaes Thomasen e, para além deles, pela povoação de Stenløse.

— Obrigado por aceitar receber-nos por alguns minutos, Thomasen — agradeceu Carl. — Já não restam cá muitos agentes que tenham conhecido Henning Jørgensen.

O sorriso de Klaes desapareceu. — Era o melhor amigo e colega que qualquer pessoa podia ter. Éramos vizinhos. Essa foi uma das razões por que nos mudámos. Depois de tudo o que aconteceu, a viúva adoeceu e começou a ter atitudes de uma pessoa perturbada e deixámos de ter vontade de viver ali. Aquele sítio trazia-nos muito más recordações.

— Imagino que, naquele verão, Henning Jørgensen não estivesse preparado para ser confrontado com a identidade das vítimas, naquela casa de férias.

Thomasen abanou a cabeça.

— Recebemos uma chamada telefónica de um vizinho que parara ao pé dessa casa de veraneio e dera com os dois jovens mortos. Fui eu quem atendi o telefone. Nesse dia, Jørgensen estava de folga. Mas quando se meteu no carro e foi até lá para ir buscar os filhos deparou-se com todos aqueles carros de polícia. No dia seguinte, começavam o último ano do ensino secundário.

— Estava lá quando ele chegou?

— Estava, juntamente com os elementos da equipa técnica da cena do crime e com o coordenador da investigação — informou, voltando a abanar a cabeça. — Ele também já morreu. Num acidente de automóvel!

Assad puxou de um bloco de apontamentos e começou a tomar notas. Não tardaria muito para o assistente de Carl ser capaz de fazer tudo sozinho. Carl estava ansioso porque esse dia chegasse.

— O que viu naquela casa de veraneio? — perguntou-lhe. — Uma descrição em traços largos é mais do que suficiente.

— As portas e as janelas estavam escancaradas. Havia diversas pegadas. Nunca descobrimos os sapatos, mas encontrámos areia que, mais tarde, viríamos a perceber que viera do terraço dos pais de um dos suspeitos. Depois, entrámos na sala de estar e encontrámos os

corpos caídos no chão. — Sentara-se no sofá, junto à mesa de apoio, gesticulando para que os outros fossem ter com ele.

— A rapariga estava num estado que eu preferia não recordar — disse —, se é que percebe o que eu quero dizer. Afinal, eu conhecia-a.

— A mulher serviu o café. Assad recusou, mas ela ignorou-o.

— Nunca vi um corpo tão selvaticamente espancado — prosseguiu. — Ela era tão pequena e magra. Não percebo como conseguiu sobreviver tanto tempo naquele estado.

— O que quer dizer com isso?

— A autópsia revelou que ela ainda esteve viva durante cerca de uma hora depois de eles se terem ido embora. A hemorragia hepática foi-se acumulando na cavidade abdominal até a perda de sangue se tornar excessivamente elevada.

— Esse foi um risco enorme corrido pelos assassinos.

— Nem por isso. Se ela tivesse sobrevivido, os danos cerebrais teriam sido de tal forma destrutivos que nunca teria sido capaz de ajudar os investigadores. Isso tornou-se logo evidente. — Ainda a pensar nisto, Thomasen dirigiu o rosto para os campos. Carl conhecia aquela sensação. Algumas imagens interiores faziam-nos querer olhar para lá deste mundo.

— Os assassinos sabiam disto?

— Sabiam. Um crânio fraturado e aberto daquela maneira, no meio da testa, não deixava margens para dúvidas. Foi absolutamente extraordinário. E estava à vista.

— Então e o rapaz?

— Bem, ele estava deitado ao lado dela. Tinha uma expressão surpreendida, mas tranquila. Era bom rapaz. Estivera com ele várias vezes, tanto em casa como na esquadra. Queria ser polícia como o pai. — O seu olhar concentrou-se em Carl. Era raro ver um agente veterano com um olhar assim tão pesaroso.

— Depois chegou o pai e deparou-se com tudo aquilo?

— Infelizmente, foi isso que aconteceu — confirmou, abanando a cabeça. — Quis levar os corpos com ele, imediatamente. Ficou num estado tal que se pôs a andar de um lado para o outro na cena do crime, e é provável que tenha dado cabo de todo o tipo de provas. Tivemos de o tirar lá de casa à força. Sinceramente, agora arrependo-me de lhe ter feito isso.

— E, então, entregou o caso à polícia de Holbæk?

— Não, foi-nos retirado — corrigiu com um aceno de cabeça dirigido à mulher. Naquele momento, a mesa já estava repleta de tudo quanto eram coisas. — Querem um biscoito? — perguntou, embora, na verdade, parecesse querer que eles dissessem que não e se fossem embora.

— Quer dizer que foi o senhor que nos entregou o caso?

— Não, não fui eu. — Thomasen bebericou um pouco de café e espreitou para as notas de Assad. — Mas fico satisfeito por o caso ter sido reaberto exatamente agora. Sempre que vejo aqueles miseráveis na televisão, Ditlev Pram, Torsten Florin e o corretor da Bolsa, fico maldisposto para o resto do dia.

— Vejo que já tem uma opinião formada sobre os autores do crime.

— Pode crer que tenho.

— Então, e o homem que foi condenado, Bjarne Thøgersen?

O pé indolente do agente reformado descreveu círculos no chão de *parquet* por baixo da mesa de apoio, mas o seu rosto manteve-se impávido e sereno. — Pode ter a certeza que o raio do bando dos filhinhos daquela gente rica estiveram todos metidos naquilo. Ditlev Pram, Torsten Florin, o corretor da Bolsa e aquela rapariga que andava com eles. O merdolas do Bjarne Thøgersen se calhar também lá esteve, mas todos estiveram envolvidos naquilo. E Kristian Wolf também, o sexto elemento do grupo. E este não morreu só devido a um ataque cardíaco. Se quer saber, digo-lhe que a minha teoria é que os outros lhe limparam o sebo, porque ele começou a acobardar-se com qualquer coisa. A morte dele também foi um homicídio, de certeza.

— Tanto quanto sei — disse Carl —, Kristian Wolf morreu num acidente de caça, não foi? O relatório diz que ele disparou acidentalmente uma caçadeira contra a própria coxa e se esvaiu em sangue. Nenhum dos outros caçadores se encontrava nas imediações.

— Tretas. Ele foi assassinado.

— O senhor baseia-se em quê para, quer dizer, fazer assim essa afirmação? — Assad inclinou-se por cima da mesa de apoio e agarrou num biscoito sem desviar os olhos de Thomasen.

O homem encolheu os ombros. Intuição de polícia. O que saberia Assad sobre isso, estaria ele, provavelmente, a pensar.

— E o senhor — prosseguiu Assad —, terá alguma coisa que possamos ver relacionada com os homicídios de Rørvig? Algo talvez que não consigamos encontrar noutra sítio qualquer?

Klaes Thomassen empurrou o prato dos biscoitos para mais perto de Assad. — Não me parece.

— Então, quem poderá ter ou saber alguma coisa? — perguntou Assad, afastando o mesmo prato para longe de si. — Quem poderá ajudar-nos a avançar neste caso? Se não descobirmos nada, o caso acabará por voltar para a pilha dos processos arquivados.

Era uma observação surpreendentemente independente.

— Eu procuraria localizar a mulher de Henning, Martha Jørgensen, e falaria com ela. Ela assediou os investigadores durante meses, depois dos homicídios e do suicídio do marido. Sim, experimentem falar com Martha.